A Liahona

OUTUBRO DE 1954

REMEMBRANCE...

Remembrance is a mark of a thoughtful, grateful man — but sometimes it is acute and cutting, as suggested in this sentence from Shakespeare: "How sharp the point of this remembrance is!"[1] Remembrance has a sharp point for many of us — especially the remembrance of those who have given their lives that we might better live; especially the remembrance of those we have loved and lost. "How sharp the point of this remembrance is!" Remembrance is especially sharp in hours of loneliness — because of faces that are absent, because of chairs that are empty, because of places that can never quite be filled. But we could well remember that remembrance need not be a futile thing, as the cherised memories of the past soften the sharpness of the present, with the promise of the future — the promise and assurance that we may see again the faces of those we love, and know them once again as surely as once we knew them. Our days on earth pass quickly. A hundred years from now — or fifty — and much less than for most of us — we shall all have gone where all men go, and the sharp point of remembrance is not so much a matter of wishing to bring them back as to have some assurance that where they are, there we may be also. It is no use saying that we may be indifferent to death — to death, academically, perhaps — to death at a distance — but we cannot be indifferent to death that comes close to us, to us ourselves, or to those we love. Death at a distance is one thing, but death at our very door is quite another, and death that takes from us someone we love is something else besides. And it is this that so much sharpens our remembrance and lets us know that heaven is much less than heaven could be, without those we love. No, there can be no indifference to death — not when death takes those who mean most. But when the point of such remembrance becomes too sharp, we can dull the acuteness of it by the assurance that He who gave us life and gave us our loved ones here, can give us life with our loved ones hereafter — and will, with our willingness.

RICHARD L. EVANS

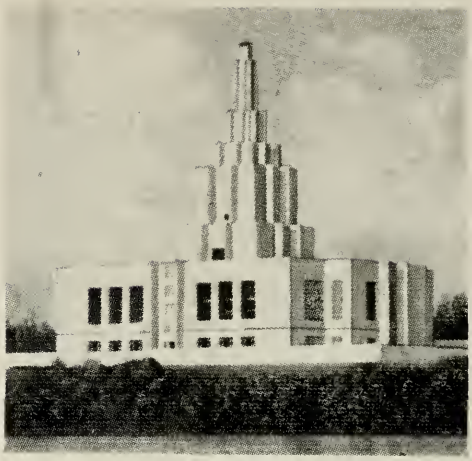
---

[1] Shakespeare, *The Tempest,* Act V, Scene I.

A Liahona

Outubro 1954 - Vol. VII - N.º 10

Orgão Oficial da Missão Brasileira da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Ultimos Dias



SUMÁRIO

EDITORIAL — A posição de espôsa — *Pelo Pres. Urban W. Haws* 202

Remembrance 200
Por Richard L. Evans

A Perseverança de Heber J. Grant 203

Mensagem aos Pais 204
Pelo Elder Delworth K. Young

O Fumo e o Cancer 206
Por Henry J. Nicholas

Uma Obra Maravilhosa (Capítulo VI) 17
Por Le Grand Richards

Escola Dominical 209

A. M. M. 210

Genealogia 211

Sociedade de Socorro 212

Primária 213

Notícias dos Ramos 214

Auxílio Técnico de *Geraldo Tressoldi*

DIRETORES:

ASAEL T. SORENSEN
MYRIAM B. M. DE CASTRO

O Templo de Idaho Falls que vemos no medalhão acima, é um dos mais belos de nossos templos e foi dedicado no domingo, dia 23 de Setembro de 1954, pelo Presidente George Albert Smith. Acha-se situado nas margens do Rio Snake, no estado de Idaho, nos Estados Unidos da América.

AOS LEITORES

Guarde cuidadosamente as suas LIAHONAS para encadernã-las anualmente. Ficará um livro bonito, econômico e útil.

PREÇOS DAS ASSINATURAS MENSAIS:

Para o Brasil	Cr$	50,00
Exterior	US$	1.50
Preço por exemplar	Cr$	5,00

Missão Brasileira: Rua Itapeva, 378 - Bela Vista - Caixa Postal, 862 - Fone: 33-6761 - S. Paulo

EDITORIAL

A posição de espôsa

A tradição nos tem ensinado muito, e muito temos aprendido vendo e ouvindo outros e por nossas próprias experiências. Alguns podem pensar que, tendo um exemplo vivo estabelecido pela tradição, não pode haver oportunidade para desenvolvimento. Mas, examinemos algumas tradições que passaram de geração em geração.

Não sabemos quão antiga é a sua origem, mas em certos países era costume que as esposas não ocupassem na sociedade a mesma posição de respeito que o seu marido. Quando em público, a esposa não poderia andar ao lado do marido, mas devia se manter uns dois ou três passos atraz. Se tivessem que fazer uma viagem de carroça ou de automóvel, a espôsa não podia viajar ao lado do marido, mas devia conservar-se no assento trazeiro.

Entre os índios encontramos costumes parecidos. A espôsa tem que fazer todos os serviços, tais como carregar água, cuidar das crianças, da plantação e da colheita. Se tiverem que fazer uma viagem e não houver cavalos suficientes, é dever da espôsa andar a pé e deixar o marido montar.

Nos tempos antigos era considerado um desperdício de tempo e dinheiro educar as mulheres. Desde que fossem boas espôsas algum dia, era só o que interessava.

Em nossos dias, deveriamos ser mais gratos ao nosso Pai nos Céus por todos os seus filhos, tanto homens como mulheres, terem a mesma oportunidades e constituirem uma sociedade firme ao se casarem. O marido, como chefe da casa, tem a responsabilidade de fazer de sua espôsa uma verdadeira SÓCIA, que deve merecer confiança, conhecer e ser capaz de fazer a sua parte. Ela não deve fazer todo o serviço. Há felicidade e satisfação no trabalhar juntos. Seu lugar é ao lado de seu marido e não atraz.

"... Assim deve o homem amar sua espôsa como a si mesmo. Aquele que ama sua espôsa, ama-se a sí próprio, pois nenhum homem jamais odiou sua própria carne".

Que todos nós amemos nossas espôsas como a nós mesmos.

URBAN W. HAWS
1.º Conselheiro da Presidência da Missão Brasileira

A perseverança de Heber J. Grant

Tornou-se conhecida na Igreja em seu tempo, a perseverança de Heber J. Grant. Sempre palmilhando um caminho de realizações e experimentando grande satisfação em vencer os obstáculos que lhe surgiam no caminho, o Elder Grant resolveu certa vez aprender a cantar. Reproduzimos em parte o seu próprio relato desta realização, que foi publicado na revista "Improvement Era", em 1900:

"Considerando que existe um número considerável de pessoas que jamais cantaram e que talvez se encorajassem lendo a história dos meus esforços para aprender a cantar, decidi relatar minha experiência aos leitores desta revista.

Minha mãe tentou me ensinar a cantar quando eu era ainda pequeno, mas desistiu diante de minha completa incapacidade de manter um tom. Quando eu entrei na classe do professor Charles J. Thomas, êle tentou em vão me ensinar quando eu tinha dez anos de idade, a cantar uma escala ou mesmo uma melodia simples, e finalmente desistiu desesperado. Disse que jamais em minha vida eu poderia aprender a cantar. Talvez êle acreditasse que eu pudesse aprender a divina arte num outro mundo. Desde aquela ocasião eu sempre procurava cantar quando cavalgava sòzinho a muitas milhas de distância de qualquer pessoa que pudesse me ouvir, mas mesmo nessas ocasiões eu não era capaz de manter o tom de um só verso nem mesmo de nossos hinos tão comuns e, às vezes, nem mesmo uma linha.

Há dez meses atraz, aproximadamente, enquanto ouvia o Irmão Horace S. Ensign cantar, eu disse que de bom grado daria dois ou três meses de meu tempo livre se, assim fazendo, eu fosse capaz de cantar um ou dois hinos. Êle respondeu que qualquer pessoa que tivesse uma voz razoàvelmente boa, perseverança e boa vontade para praticar bastante, podia aprender. Respondi que tinha muita voz e bastante perseverança. Êle estava trabalhando para mim na ocasião e, por brincadeira, eu lhe disse que, apesar de não ter sido empregado como professor de música, êle me daria naquele mesmo momento a minha primeira lição com o hino "Oh Meu Pai". Para minha grande surpresa, no fim de quatro ou cinco dias eu era capaz de cantar êste hino com o Irmão Ensign sem nenhum êrro. No fim de suas semanas eu podia cantá-lo sòzinho apesar de desafinar um pouco nas notas altas. Meu ouvido, não sendo musicalmente bom, não podia notar isto e a única maneira que eu tinha para saber se estava ou não desafinando, era pedir ao Irmão Ensign ou a outro amigo que me apontasse o êrro.

No fim de dois ou três meses, eu era capaz de cantar não sómente "Oh Meu Pai", como também "Vinde Ó Santos" e dois ou três outros hinos. Logo depois disto, numa viagem que fiz ao sul, cantei um ou mais hinos em cada uma das estacas de Arizona e em Juarez, no México. Ao voltar a Salt Lake City, tentei cantar "Oh Meu Pai" no grande Tabernáculo esperando ensinar uma lição aos jovens e encorajá-los a aprender a cantar. Foi um fracasso pois saí fora do tom em quasi todos os versos e o meu esfôrço, em vez de encorajar os jovens, deve tê-los desencorajado.

Logo que comecei a praticar, se alguem cantasse comigo, baixo ou tenor, eu não poderia manter o meu tom. Também não podia cantar com piano ou órgão, pois a variedade de sons me confundia. Agora eu já posso cantar acompanhado por piano ou órgão e cantar a melodia de uma canção em dueto, trio ou quarteto.

Em recente viagem que fiz ao Estado de Arizona eu perguntei aos Elderes Rudger Clawson e J. Golden Kimball se êles se opunham a que eu cantasse cem hinos naquele dia. Êles pensaram que eu

(*Continua na pág.* 205)

Mensagem aos Pais

Pelo Elder DELWORTH K. YOUNG

Quais são as suas obrigações, como pais, para com os seus filhos? Êste artigo não está sendo escrito por um pai, mas sim por um filho, um filho muito feliz, grato pelo que os seus pais lhe deram. Fui o primeiro de uma família de cinco e pode-se dizer que fui eu que tive o encargo de "iniciar" na paternidade dois adultos felizes e inexperientes. Meu pai é um contador muito ocupado que sempre trabalhou bastante para dar à sua família as coisas mais necessárias. Desde que eu posso me lembrar, êle tem sido muito ativo na igreja, de uma maneira ou de outra, tomando êste trabalho quasi todo o seu tempo livre. Êste e o resto do seu tempo êle passa com sua família. Minha mãe deu aulas na primária desde que eu posso me lembrar e sempre foi ocupadíssima cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos. Foi recentemente nomeada para ensinar na Sociedade de Socorro.

Meus pais constituem um casal comum, sempre fazendo um orçamento para determinar qual dos membros da família ganhará o próximo par de sapatos e determinando quem deverá fazer o que no quintal ou na casa. Geralmente acabamos por fazer a maioria destas coisas juntos, quando possível. E, o fazer estas coisas juntos, é um bom começo para o assunto pelo qual estou escrevendo a vocês pais.

Quando vamos à Igreja, vamos juntos. Quando fazemos pic-nics, pescamos, nadamos, esquiamos, limpamos a casa ou o quintal, é juntos que o fazemos. E é assim que uma família deve ser: unida. Naturalmente, quando a criança não está perto de seus pais, é influenciada por outros fatores, algumas vezes desconhecidos, e seu comportamento quando estiver longe da influência de seus pais, será de acôrdo com os hábitos que formou enquanto estavam sob sua influência, boa ou má, dependendo dos pais.

Assim, parece que o nosso propósito primeiro e mais importante ao estarmos juntos com nossos filhos, é o de fazê-los adquirir hábitos que os ajudarão a escolher o bem; saber como se comportar na sociedade, seja numa unidade familiar, seja na Igreja, na comunidade ou mesmo em assuntos internacionais.

Estarão vocês, pais, preparados para dar aos seus filhos estas vantagens? Estão satisfeitos com a maneira pela qual foram vocês mesmos criados? Estão dispostos a dar aos seus filhos algumas vantagens que vocês não tiveram — talvez não tanto vantagens físicas, mas vantagens espirituais? (As vantagens físicas serão uma consequncia destas).

No mundo de hoje em dia, a dificuldade parece ser a grande liberdade concedida às crianças, deixando-as agir ao seu bel prazer. O que significa isto para você? Que deverá orientá-las cuidadosamente? Que deve deixá-las fazer o que quizerem, apesar de estar errado? Se assim for, você lhes estará ensinando desrespeito pela justiça, e logo êles desrespeitarão até a você mesmo. Alguns acreditam que quando as crianças fazem algo errado, têm o direito de se exaltarem e em sua exaltação descontarem nas pobres crianças o que deveriam ter ensinado em primeiro lugar, desenvolvendo medo em lugar de amor para com os pais, no coração das crianças.

(*Continua na pág.* 205)

Isto nos leva a julgar os pais. Êles se acham por demais influenciados por artigos, livros sôbre a criação de filhos e tôdas as espécies de conselhos dados por profissionais. Estou convencido de que todos os pais têm boas intenções. Quais conselhos você aceita? Acredita que dois errados não fazem um certo? Você crê em dizer algumas mentirinhas para evitar com que faça alguma coisa? Ou explica, paciente e simplesmente que nada podemos obter gratuitamente? Que sòmente poderemos ter as coisas boas da vida, se trabalharmos por ela? Você dá exemplo? Ensina-os a partilhar o que têm? Atribui-lhes responsabilidades, por pequenas que sejam, e os ajuda a executá-las e sentir a alegria da realização? Você os elogia, ao mesmo tempo que os ensina que o elogio não é tão importante como uma tarefa bem realizada? Ajuda-os a serem originais e a criar com suas mentes e mãos e mostra a êles as coisas belas e naturais que devem usar como modêlo? Você é um pai do tipo "faça o que digo?" Quer que seu filho seja um belo exemplo sòmente por vaidade, — para elevá-lo — ou porque sente que é a maior honra da vida criar um herdeiro para a Divindade?

Você compreende a importância da independência de seu filho? Compreende que quanto mais cuida dele, quanto mais faz por ele, quanto mais o sustenta físicamente, mais fraco se torna? Está disposto a prepará-lo ou prepará-la para colocá-los em seu próprio caminho, sabendo que faz a sua parte?

Baseia a sua filosofia de criação, nos ensinamenots do evangelho, ou nos comentaristas de revistas? Leu em Provérbios 3:12: "Porque o Senhor repreende aquele a quem ama, assim como o pae ao filho a quem quer bem", ou em 13:24: "O que retém a sua vara aborrece a seu filho, mas o que o ama a seu tempo o castiga", ou ainda em 23-13: "Não retires a disciplina da criança, porque, fustigando-a com a vara, nem por isso morrerá". Tu a fustigarás com a vara e livrarás a sua alma do inferno"?

O que acha desses conselhos? Eu, como filho, os aprovo. Meus pais aceitaram esses conselhos, não porque me odiassem, e nem com raiva, mas porque me amavam. Ensinaram-me por preceito, e ainda mais por exemplo, e esperavam que eu fizesse o que era certo, e o conhecimento de sua confiança em mim tem sido a maior fôrça em minha vida. E sempre que os desapontei, por pouco que fosse, sei que os fiz muito infelizes.

"Tornar meus pais felizes — tanto terrena como celestialmente — bem praticando tudo o que me ensinam", deveria ser o escopo de tôda criança da Igreja. E, "ensinar nossos filhos, que Deus julgou próprio nos enviar, para aprendermos a maternidade e a paternidade eterna, a escolher o melhor caminho possível na vida", deveria ser o propósito de todos os pais na Igreja.

A perseverança de Heber J. Grant

(*Continuação da pág.* 203)

estava brincando e me disseram que ficariam encantados se eu o fizesse. Estávamos viajando entre Holbrook e St. Johns, numa distância de cerca de sessenta milhas. Depois que cantei cerca de cem vezes, êles me disseram que se eu cantasse as outras sessenta êles teriam um esgotamento nervoso. Não dei atenção ao seu apêlo e continuei até terminar as cem. Cento de quinze canções num dia e quatrocentas em quatro dias, e esta foi a mais longa prática que já fiz.

Hoje em dia meu ouvido está melhorando e sentando-me ao piano e tocando as notas da melodia eu posso aprender uma canção em menos de um décimo do tempo que me era necessário quando comecei a praticar.

O FUMO E O CANCER

Por HENRY J. NICHOLAS
Professor Assistente de Biologia da Universidade de Brigham Young

Muitos produtos químicos são conhecidos que, quando aplicados à pele ou outro qualquer tecido de animais vivos, causam o aparecimento do cancer no tecido em muitos casos, embora com algumas exceções. Tais produtos são conhecidos como cancerígenos. Em 1915, os cientistas japoneses Yamagiwa e Ichikawa produziram experimentalmente cânceres pintando a pele da orelha de coelhos com alcatrão distilado. Mas sómente quase vinte anos depois é que o Dr. J. W. Cook e outros foram bem sucedidos na identificação dos produtos químicos responsáveis pela ação cancerígena do alcatrão distilado, denominado 1,2-benzpyrene, que êles encontraram numa proporção de apenas 3 partes para 100.000 de água distilada.

Durante os anos que se seguiram, outros compostos químicos, alguns sintéticos e outros isolados da natureza, mostraram ação cancerígena de maior ou menor potência. No curso dêsses estudos, muitos fatos foram descobertos. Nem tôdas as aplicações de um agente cancerígeno a um tecido sabidamente sucetível provocavam o desenvolvimento do cancer. Alguns cancerígenos são mais potentes que outros. Há considerável evidência de que algumas famílias ou raças de uma espécie de animal são mais sucetíveis do que outras. A sucetibilidade de produzir o cancer é provavelmente herdada por alguns animais. Em resumo, há pelo menos três fatôres implicados na produção do cancer pelo uso de agentes cancerígenos: (1) A natureza (potência) do agente cancerígeno (em comparação com outros); (2) a dose (quantidade do produto químico a que é submetido uma massa de tecido); (3) a sucetibilidade do indivíduo (ou seu tecido) ao agente cancerígeno (ou, como se diz às vêzes, a resistência do animal ou tecido). O terceiro fator é devido em parte à hereditariedade e em parte à saude do animal ou tecido na ocasião da aplicação do agente cancerígeno.

Êstes mesmos três fatôres estão envolvidos na consideração dos efeitos maléficos a que qualquer susbtância possa ter sôbre o ser vivo, seja essa substância morfina, nicotina, alcool, cafeina, ou qualquer outra.

Tôda a vez que for estudada a ação de um agente cancerígeno, é aconselhavel empregar grande número de animais de experiência, e também administrar o agente suspeito de diferentes modos. Recentemente, um produto químico conhecido como 1,2-benzantracene, que se acreditou por muito tempo não ser cancerígeno, ficou provado sê-lo após aplicações feitas sob a pele de um grande número de camundongos, que foram conservados sob observação por um período muito mais longo que prèviamente. Evidentemente, a atividade comparativa cancerígena dêste produto era bem menor do que a de muitos outros agentes, mas sua aplicação foi seguida pelo desenvolvimento de cancer num número bem significativo de camondongos. Disso resulta a seguinte pergunta: Quanto aumentará a lista dos agentes cancerígenos se forem feitos estudos mais extensivos em populações maiores e durante maior período de tempo do que os estudos anteriores?

Antes de voltarmos ao assunto do fumo e o cancer, é bom acentuar um outro importante fator acêrca de experiência animal. Em muitos respeitos os camundongos e os homens são semelhantes, tanto em constituição como em função, mas em outros aspectos êles são

bem diferentes. Tôdas as vezes que se quizer aplicar os resultados da experimentação em animais de laboratório para o bem-estar da humanidade, deve-se levantar a seguinte questão: Nesse caso, é seguro asseverar que os seres humanos e as espécies de animais de laboratório usados são comparáveis? Em última análise, os experimentos deveriam ser feitos com seres humanos. Contudo, a experimentação direta com seres humanos, está ligada a muitos problemas; por conseguinte, muito do que se diz ser verdadeiro acêrca das funções humanas é baseado em estudos feitos quando há oportunidade, especialmente nas clínicas e hospitais. As informações obtidas por tais estudos são analisadas por métodos estatísticos, e as conclusões a que se chega são provàvelmente mais seguras e válidas quando os dados são oriundos de grande número de pessoas, observadas sôbre maiores períodos de tempo.

A cuidadosa aplicação dos métodos estatísticos aos dados obtidos em observações clínicas tem levado vários médicos, independentemente, a algumas interessantes conclusões acêrca do fumo e do cancer. Algumas destas são apresentadas no "*Cancer Bulletin*" do M. D. Anderson Hospital.

Os Drs. E. L. Wynder e E. A. Graham observaram em muitos hospitais americanos que o cancer do pulmão é o mais frequente cancer visceral dos homens. Esta mesma observação foi feita em muitos hospitais na Inglaterra e Alemanha. De 650 pacientes com epidermoide e carcinoma não diferenciado do pulmão, estudados no Hospital Barnes em St. Louis, havia sómente dez que não fumavam. Mais de noventa por cento dos pacientes com êsses tipos de cancer do pulmão fumavam cigarros; essa porcentagem é bem maior do que a porcentagem de fumantes de cigarros na população geral dos hospitais.

Durante 1949-1950, no Hospital Barnes, para cada mulher que morria com cancer do pulmão, morriam 18 homens da doença. Porcentagens semelhantes foram observadas em outros lugares e interpretadas por alguns autores como sugestivas de que o fumo não causava o cancer, porque as mulheres também fumavam. Wynder e Graham, contudo, acentuaram que 95 por cento de seus pacientes com cancer do pulmão tinham fumado durante 20 ou mais anos, e que 85 por cento haviam fumado pelo menos durante 30 anos. Relativamente poucas mulheres americanas fumaram por tanto tempo.

Êstes achados são paralelos com a descoberta de que algumas substâncias são provadamente cancerígenas se aplicadas aos tecidos por um período de tempo suficientemente longo, a intervalos, ou se um longo período decorre após uma ou algumas aplicações. Por exemplo: o produto químico conhecido como criseno não produziu o cancer em qualquer camondongo até 349 dias em seguida a aplicação inicial, cujo período de tempo no período de vida de um camondongo é equivalente a trinta anos da vida do homem.

O Dr. W. L. Watson, de Nova York também apresentou dados interessantes (apresentados nos Congressos Internacionais do Cancer em Paris em 1950) a respeito de uma série de 100 pacientes do "Memorial Hospital". Dos homens doentes com cancer do pulmão 37 por cento eram grandes fumantes; entre uma série de contrôles (sem cancer) sómente 19 por cento fumavam em demasia.

Levine, num estudo dos registros de vários milhares de pacientes achou semelhantemente uma correlação positiva entre o uso do cigarro e o cancer do pulmão.

Êstes esclarecimentos estão em linha com as observações que mostram que os indivíduos diferem em sucetibilidade à exposição a um produto mais que a outro mesmo quando outros fatores parecem ser aproximadamente

iguais. Deve ser também acentuado que há outra maneira de provocar o cancer do pulmão sem ser o tabaco, e que simplesmente por que uma pessoa nunca tenha fumado, ou por essa razão tenha às vêzes inalado qualquer produto irritante, não se pode garantir que essa pessoa nunca terá cancer no pulmão. Nem pode qualquer pessoa predizer a ocorrência de cancer no pulmão num fumante moderado ou não. A referência especifica:

Êstes estudos não são definitivos, mas são fortemente sugestivos. Certamente, êles implicam em que as substâncias cancerígenas, se é que existem no fumo, devem ser removidas. Na pendência dessa eventualidade, deve-se recomendar ao público que seja moderado em seu hábito de fumar. Um fato interessante do assunto é que várias pessoas que pesquisaram cuidadosamente o material deixaram de fumar — incluindo o autor dêste artigo.

Num recente número da revista "*Cancer Research*", que é o órgão oficial da Associação Americana de Pesquisas ao Cancer, existe um trabalho que diz:

Os compostos cancerígenos foram isolados das substâncias alcatroadas tanto do carvão como da fumaça do tabaco, bem como da fumaça de uma grande variedade de outras substâncias orgânicas de combustão lenta.

A porcentagem de fumantes de charutos e cachimbos é quase duas vezes mais alta entre o sexo masculino entre os brancos vítimas do cancer da bôca do que enter os controles própriamente selecionados; tôdas as maneiras de fumar são significativamente mais altas entre as vítimas de cancer do trato respiratório do que entre os contrôles.

Entre os fumantes de cigarro parece existir maior casos de câncer do trato respiratório.

Neste mundo já existem muitos riscos aos quais saúde e a vida de qualquer um podem estar sujeitos a qualquer tempo. Pelos métodos estatísticos a probabilidade é que qualquer indivíduo poderá sofrer ferimentos ou morte em qualquer idade, oriundos de um dêsses acasos. Parece que há suficiente evidência de que o fumante adiciona um outro risco à lista, pois que existe uma bem maior probabilidade de que um fumante terá sua vida terminada miseràvelmente pelo cancer do pulmão, do que um que não fuma. Parecer ser uma parte da prudência não fumar tabaco, apenas por essa razão.

A BUSCA DA FELICIDADE

Há sementes de felicidade plantadas em cada alma humana. Nossa atitude mental e disposição constituem o ambiente no qual estas sementes podem germinar. Há tanta necessidade de sol no coração, como há de sol no mundo. Hoje, talvez mais do que nunca, a humanidade precisa de coragem e ânimo.

É um dever procurar a arte de ser alegre. "Um espirito alegre é um dos dons mais valiosos que a humanidade recebeu de um gentil Criador". A alegria é apenas uma qualidade, mas é uma fôrça maravilhosa nas horas de aflição.

Presidente David O. McKay

CAPÍTULO VI

O APARECIMENTO DO LIVRO DE MORMOM

A visita do Anjo Moroni ao Profeta Joseph Smith

A esta altura, é justo que deixemos o próprio Joseph Smith contar o que aconteceu desde que o Pai e seu Filho, Jesus Cristo, apareceram a êle na primavera de 1820 até que o primeiro mensageiro fosse enviado dos céus para lhe dar instruções:

"Minha mente estava agora satisfeita no que diz respeito ao mundo sectário — que meu dever era não me juntar a nenhuma delas, mas continuar como estava até ordens futuras. Descobri que o testemunho de Tiago era verdadeiro — que um homem que necessitasse de sabedoria podia pedi-la a Deus, e obtê-la, sem ser censurado.

Continuei seguindo minhas ocupações comuns na vida até o dia vinte e um de setembro de mil oitocentos e vinte e três, sofrendo todo o tempo severa perseguição nas mãos dos homens, tanto das classes religiosas como irreligiosas, porque eu continuava a afirmar que tivera uma visão.

Durante o espaço de tempo que sucedeu entre a ocasião em que tive a visão e o ano de mil oitocentos e vinte e três, tendo sido proibido de me unir a qualquer das seitas religiosas então existentes, sendo ainda muito jovem e perseguido por aqueles que deveriam ter sido meus amigos e me haver tratado com bondade; e, se supunham êles que eu estava iludido, deveriam procurar de um modo próprio e afetuoso me corrigir — vi-me sujeito a tôda classe de tentações; e misturando-me com tôdas as classes sociais, caí frequentemente em muitos erros levianos e demonstrei as debilidades da mocidade e as fraquezas da natureza humana, que, sinto dizê-lo, levou-me a diversas tentações que eram ofensivas à vista de Deus. Ao fazer esta confissão ninguém deve crer-me culpado de quaisquer grandes ou sérios pecados. Jamais existiu em minha natureza disposição para cometer tais coisas. Mas se fui culpado de frivolidade, e às vezes me associava com companheiros joviais, etc., o que não condizia com a conduta que devia ser mantida por quem havia sido chamado por Deus como eu o havia sido. Mas isto não parecerá muito extranho para quem se recorda de minha juventude e conheça o meu naturalmente temperamento jovial.

Em consequência destas coisas, muita vezes me senti condenado pelas minhas fraquezas e imperfeições; quando, na noite do acima mencionado vinte e um de setembro, depois de me haver retirado para me deitar, pus-me a orar e suplicar, pedindo a Deus Todo poderoso perdão para todos os meus pecados e imprudências, e também uma manifestação a mim para que eu pudesse saber qual era o meu estado e situação perante Êle; porque tinha a mais completa confiança em obter uma manifestação divina, como havia acontecido anteriormente.

Enquanto estava assim no ato de suplicar a Deus, vi uma luz que aparecia em meu quarto, a qual continuou a aumentar até que o quarto ficou mais claro que a luz do meio-dia, quando imediatamente apareceu um personagem ao lado de minha cama, suspenso no ar, pois que os seus pés não tocavam o solo.

Estava vestido com uma túnica solta de mais rara brancura. Era uma brancura que excedia a qualquer coisa terrena que jamais havia visto; nem acredito que qualquer coisa terrena pudesse ser tão extraordinàriamente branca e brilhante. Suas mãos estavam descobertas, e seus braços também, um pouco acima dos pulsos; assim, também, estavam seus pés descobertos, assim como suas pernas, um pouco acima dos tornozelos. Sua cabeça e pescoço também estavam descobertos. Verifiquei que Êle não tinha outra roupa senão o seu manto, pois estava aberto, de modo que pude ver o seu peito.

Não só sua túnica era extraordinàriamente branca, como tôda sua pessoa era gloriosa acima de qualquer descrição, e seu semblante era como um vivo relâmpago. O quarto estava excessivamente iluminado, mas não tão brilhante como a luz em redor de Sua pessoa. No primeiro momento em que o vi, tive mêdo; mas o mêdo logo desapareceu.

Êle me chamou pelo nome e me disse que era um mensageiro enviado da presença de Deus, e que se chamava Moroni; que Deus tinha um trabalho a ser feito por mim; e que meu nome seria conhecido por bem ou por mal entre tôdas as nações, famílias e línguas, ou que seria citado por bem ou por mal, entre todos os povos.

Disse que havia um livro depositado, escrito sôbre placas de ouro, dando conta dos antigos habitantes dêste continente, assim como a origem de sua procedência. Disse também que nele se encerrava a plenitude do Evangelho Eterno, como foi entregue pelo Salvador aos antigos habitantes.

Disse, também, que havia duas pedras em arcos de prata — e estas pedras presas a um peitoral constituíam o que é chamado Urim e Tumim — depositadas com as placas; e que a posse e uso destas pedras era o que constituia os "videntes" nos tempos antigos ou primitivos; e que Deus as tinha preparado com o fim de traduzir o livro.

Depois de dizer-me estas coisas, começou a citar as profecias do Velho Testamento. Primeiro citou parte do terceiro capítulo de Malaquias; e citou também o quarto ou último capítulo da mesma profecia, embora com pequena variação do modo que se lê em nossas Bíblias. Em vez de citar o primeiro versículo conforme está em nossos livros, êle citou-o ass'm:

"Pois eis que vem o dia em que arderá como fornalha; todos os soberbos e todos os que obram impiedade serão queimados como o rastolho; os que vieram os abrasarão, disse o Senhor dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará raiz nem ramo".

E também citou o quinto versículo, assim: "Eis que eu vos revelarei o Sacerdócio pela mão do Profeta Elias antes da vinda do grande e terrível dia do Senhor".

Citou, também, o seguinte versículo, diferentemente: "E êle plantará no coração dos filhos as promessas feitas aos pais e os corações dos filhos voltarão aos pais; se assim não fôr, tôda a terra será totalmente destruida na sua vinda".

Além dêstes, êle citou o capítulo onze de Isaías, dizendo que estava quase para ser cumprído. Mencionou o terceiro capítulo de Atos, versículos vinte e dois e vinte e três, exatamente como estão em nosso Novo Testamento. Disse que aquele profeta era Cristo; mas ainda não tinha chegado o dia em que "aquêles que não ouvissem a sua voz seriam desarraigados de entre o povo", mas logo viria.

Também citou o segundo capítulo de Joel, do versículo vinte e oito até o último. Disse também, que isto não havia sido ainda cumprido, mas logo se realizaria. E disse mais, que a plenitude dos Gentios viria logo. Citou muitas outras passagens da escritura, e ofereceu muitas explicações que não podem ser mencionadas aqui.

Também me disse que quando eu conseguisse as placas sôbre as quais havia falado — porque o tempo em que elas deveriam ser obtidas ainda não havia chegado — eu não as mostrasse a ninguém; nem o peitoral com o Urim e Tumim; a não ser àqueles a quem eu fôsse mandado a mostrá-las; se eu desobedecesse, seria destruído.

Enquanto conversava comigo a respeito das placas, a visão de minha mente se aclarou de tal modo, que pude ver o lugar em que estavam depositadas, e tão clara e distintamente que já conhecia o lugar quando o visitei.

Após esta comunicação, vi que a luz do quarto começava a juntar-se imediatamente ao redor da pessoa que estivera falando comigo e assim continuou até que o quarto, uma vez mais, ficou Ys escuras, exceto junto a êle; quando, repentinamente, vi como se fôra um conduto que se abria até ao céu, e êle ascendeu até desaparecer inteiramente, e o quarto ficou como tinha estado antes desse personagem celestial ter feito sua aparição.

Fiquei meditando sôbre a singularidade da cena, e grandemente maravilhado com o que me foi dito por êste extraordinário mensageiro; quando em meio a minha meditação descobri repentinamente que o meu quarto estava novamente começando a ser iluminado, e num instante, como acontecera antes, o mesmo mensageiro celestial estava outra vez ao lado de minha cama.

E começou outra vez a relatar as mesmas coisas que me havia dito em sua primeira visita, sem a mínima variação; depois do que, informou-me dos grandes julgamentos que vi-

riam sôbre a terra, com grandes desolações causadas pela fome, espada e peste; e que êstes dolorosos julgamentos viriam sôbre a terra ainda nesta geração. Tendo relatado estas coisas, êle novamente ascendeu como fizera antes.

Nessa ocasião, tão profundas eram as impressões deixadas em minha mente, que o sono fugiu de meus olhos, e jazia dominado pelo assombro do que eu tinha visto e ouvido. Mas qual não foi minha surpresa quando outra vez vi o mesmo mensageiro ao lado de minha cama, e ouvi-o repassar ou repetir as mesmas coisas como antes; e acrescentou uma advertência a mim, dizendo que Satanás procuraria tentar-me (em consequência das circunstâncias de pobreza da família de meu pai), para obter as placas com o fim de me tornar rico. Proibiu-me isto, dizendo que eu não devia ter nenhum outro objetivo em vista na obtenção das placas senão o de glorificar a Deus, e que não deveria influenciar-me por qualquer outro motivo se não o de construir seu reino; do contrário não poderia obtê-las.

Após sua terceira visita, êle ascendeu novamente ao céu como antes e outra vez fiquei meditando sôbre a estranheza do que acabava de experimentar; quando, quasi imediatamente após o mensageiro celestial ter ascendido pela terceira vez, o galo cantou, e vi que o dia se aproximava, de modo que as nossas entrevistas deviam ter durado tôda aquela noite.

Pouco depois me levantei e, como de costume, fui entregar-me aos necessários afazeres do dia; mas, ao tentar trabalhar como das outras vezes, senti-me tão fraco e exausto a ponto de me achar incapaz para o trabalho. Meu pai que estava trabalhando comigo, percebeu algo de anormal em mim e disse-me que fôsse para casa. Saí com a intenção de ir para casa; mas, ao tentar passar a cêrca do campo onde estávamos, minhas fôrças me abandonaram por completo, e caí inerte ao solo, e durante algum tempo fiquei inconsciente.

A primeira coisa que pude recordar foi uma voz falando-me, e chamando-me pelo nome. Olhei para cima e vi o mesmo mensageiro acima da minha cabeça, rodeado pela luz como antse. Então relatou-me tudo o que me havia narrado na noite anterior, e me mandou que voltasse a meu pai e que lhe contasse a visão e os mandamentos que havia recebido.

Obedecí. Voltei a meu pai que estava no campo, e relatei-lhe todo o ocorrido. Êle respondeu-me que era de Deus, e me disse que fosse e fizesse como o mensageiro mandara. Deixei o campo e fui ao lugar onde o mensageiro tinha dito a mim acharem-se as placas depositadas; devido à clareza da visão que eu tivera no tocante ao lugar, reconheci-o no instante em que lá cheguei.

Próximo à vila de Manchester, no condado de Ontário, Nova York, há uma colina de regular porte, e a mais elevada de tôdas da vizinhança. Do lado oeste dessa colina, não muito distante do cume, sob umas pedra de considerável tamanho, estavam as placas depositadas dentro de uma caixa de pedra. No meio e na parte superior, essa pedra era grossa e redonda, porém, mais fina na direção dos bordos, de modo que a parte central era visível acima do solo, mas os bordos em redor estavam cobertos pela terra.

Tenho removido a terra, consegui uma alavanca que logrei introduzir sob o bordo da pedra e com pequeno esfôrço, levantei-a. Olhei para dentro e lá realmente vi as placas, o Urim e Tumim e o peitoral, conforme me fôra dito pelo mensageiro. A caixa na qual se achavam era formada de pedras unidas por uma espécie de cimento. No fundo da caixa havia duas pedras colocadas transversalmente e sôbre estas estavam as placas e outras coisas com elas.

Fiz uma tentativa para tirá-las, mas fui proibido pelo mensageiro, e fui outra vez informado de que o tempo para tirá-las ainda não tinha chegado, nem chegaria a não ser quatro anos daquela data; mas êle disse-me que eu deveria ir àquele lugar precisamente dentro de um ano e que lá êle me encontraria, e que eu deveria continuar assim fazendo, até que chegasse o tempo de obter as placas.

De acôrdo com o que me fôra mandado, fui ao fim de cada ano, e cada vez encontrava lá o mesmo mensageiro, e em cada uma de nossas entrevistas, recebia dele instruções e conhecimento com respeito ao que o Senhor ia fazer, e como e de que maneira seu reino se conduziria nos últimos dias...

Por fim chegou o tempo de obter as placas, o Urim e Tumim, e o peitoral. No dia 22 de setembro de mil oitocentos e vinte e sete, tendo ido como de costume ao fim de outro ano ao

lugar onde elas estavam depositadas, o mesmo mensageiro celestial entregou-mas com esta advertência: que eu seria responsável por elas; que se eu deixasse que se extraviassem por algum descuido ou negligência de minha parte, seria destruido; mas se eu empregasse todo o esfôrço para preservá-las, até que êle, o mensageiro, as procurasse, elas seriam protegidas.

Logo verifiquei a razão por que tinha recebido tão estritas recomendações para guardá-las com segurança, e por que o mensageiro havia dito que quando eu tivesse feito o que me fôra mandado, êle as procuraria. Porque tão logo se soube que eu as possuia, fizeram-se os mais tenazes esforços para tirá-las de mim. Todo estratagema que puderam inventar foi usado para aquele fim. A perseguição se tornou mais amarga e severa que antes, e grande número de pessoas estava continuamente alerta para tirá-las de mim, se possível. Mas, pela sabedoria de Deus, elas continuaram a salvo em minhas mãos, até que cumpri com elas o que havia sido pedido de mim. Quando, de acôrdo com a combinação, o mensageiro as reclamou, entreguei-as a êle; e êle as tem a seu cuidado até o dia de hoje, dois de maio de mil oitocentos e trinta e oito.

A agitação, contudo, ainda continuava, e o rumor, com as suas milhares de línguas, foi todo o tempo empregado na circulação de falsidades sôbre a família de meu pai e sôbre mim. Se eu fosse relatar a milésima parte delas, encheria volumes. A perseguição, contudo, tornou-se tão intolerável que fui obrigado a deixar Manchester e ir com minha espôsa para o condado de Susquehanna, no Estado de Pennsylvania. Enquanto me preparava para partir — sendo muito pobre, e a perseguição tão pesada contra nós, não havia probabilidade de que se modificasse nossa situação — em meio de nossas aflições encontramos um cavalheiro chamado Martin Harris, que veio a nós e me deu cinquenta dólaes para nos auxiliar em nossa viagem. O sr. Harris era morador do distrito de Palmyra, condado de Wayne, no Estado de Nova York, e fazendeiro de boa reputação.

Mediante esta ajuda tão oportuna, pude chegar ao lugar de meu destino em Pennsylvania; e, imediatamente após a minha chegada, comecei a copiar os caracteres das placas. Copiei um número considerável deles e por meio de Urim e Tumim traduzi alguns deles, o que fiz entre o tempo em que cheguei à casa do pai de minha espôsa, no mês de dezembro, e o mês de fevereiro seguinte.

Neste mesmo mês de fevereiro já mencionado o Sr. Martin Harris veio à nossa casa, tomou os caracteres que eu tinha tirado das placas e partiu com êles para a cidade de Nova York. Quanto ao que me aconteceu com respeito a êle e aos caracteres, quero me referir ao seu próprio relato das circunstâncias, como êle contou quando do seu regresso e que é o seguinte:

"Fui à cidade de Nova York, e apresentei os caracteres que tinham sido traduzidos, assim como sua tradução, ao Professor Charles Anthon, cavalheiro célebre pelos seus conhecimentos literários. O Professor Anthon declarou que a tradução estava correta, muito mais que qualquer outra que êle tinha visto antes traduzida do egípcio. Então mostrei-lhe aqueles que ainda não haviam sido traduzidos e me disse que eram Egípcios, Caldaicos, Assírios e Arábicos, e disse que eram caracteres verdadeiros. Êle me deu um certificado, atestando ao povo de Palmyra que eram caracteres verdadeiros, e que a tradução dos que tinham sido traduzidos estava também correta. Peguei o certificado e o coloquei em meu bolso, e estava deixando a casa quando o Sr. Anthon me chamou e perguntou como soubera o jovem, que havia as placas de ouro no lugar onde êle as encontrou. Respondi que um anjo de Deus lho revelara.

Êle então me disse: "Deixa-me ver aquele certificado". De conformidade, tirei-o do bolso e dei-o a êle. Quando êle o pegou, fê-lo em pedaços, dizendo que agora não havia tais coisas como manifestações de anjos e que se eu levasse as placas êle as traduziria. Informei-o de que uma parte das placas estava selada e que me era proibido trazê-las. Êle então respondeu: "Não posso ler um livro selado". Deixei-o e fui ao Dr. Mitchell, que confirmou tudo o que o Sr. Anthou havia dito com respeito aos caracteres e à tradução".

No dia 5 de Abril de 1829, Oliver Cowdery a quem jamais havia visto, veio à minha casa. Disse-me que estava ensinando na escola, na vizinhança da casa de meu pai, e sendo êste um dos que enviavam seus filhos à escola, foi hospedar-se por algum tempo em sua casa; e que enquanto esteve alí, a família lhe relatou as circunstâncias em que eu recebera as placas e que em consequência, êle veio para me interrogar.

Dois dias após a chegada do Sr. Cowdery (7 de Abril) comecei a traduzir o Livro de Mormon e êle escrevia para mim.

Ao seu lado

Quando Tom era pequeno, uma das primeiras coisas que sua mãe lhe ensinou foi que não importa o que êle fizesse, ou onde fosse, Deus estaria sempre ao seu lado. Aprendeu a depender de Deus e prender-se a Êle desde o começo. Partilhava com Deus de suas alegrias e tristezas em suas frequentes orações.

Ao tornar-se mais velho, não conhecia o medo, nem mesmo do escuro, pois não estava só. Quando foi à escola e começou a aprender a ler, encontrou a sua primeira dificuldade — não conseguia aprender. Certa manhã, êle disse à sua mãe: "Eu disse ao Pai Celestial que eu não podia aprender a ler, e Êle vai me ajudar". E Êle ajudou mesmo, porque desde aquela ocasião, Tom não teve mais dificuldades.

Contudo, esta não foi a última vez que recebeu auxílio. Em todos os seus dias de escola, sempre que tinha que enfrentar uma tarefa ou uma prova, orava para que fosse ajudado a se lembrar do que precisasse e a fazer o melhor que podia. E sempre o fez.

Surgiram tentações. Quando os outros meninos fumaram pela primeira vez, Tom disse: "Eu não posso fazer isto. Ficaria envergonhado se meu Pai nos céus me visse fumar". Quando os outros procuravam maus companheiros, Tom sempre dizia a si mesmo: "Se eu quizer que Deus continue comigo, tenho que fazer as coisas que êle quer que eu faça. Êle não poderia ficar se eu fizesse coisas más".

Tom cresceu e foi chamado para servir em missão. Foi o tempo mais feliz de sua vida. Êle jamais havia se sentido tão próximo de Deus em tôdas as horas do dia. Aprendeu a confiar nele mais do que nunca. E o Senhor o guiou de verdade. Pregou o Evangelho com tal poder e sinceridade que aqueles que o ouviam não podiam deixar de acreditar.

Quando voltou de sua missão, foi chamado para servir no exército. E lá Deus também esteve ao seu lado. Inspirava fé em seus companheiros que o consideravam como um líder nas horas mais negras.

Hoje em dia, Tom já é pai, e é feliz. Ensina ao seu menino a mesma lição: "Deus sempre está ao seu lado".

A palavra de um Homem

Certo cavalheiro inglês, achando-se em dificuldades financeiras, tomou certa quantia emprestada de um amigo a quem deu um recibo por escrito. Porém, antes que êle tivesse se restabelecido financeiramente, viu-se mais uma vez em dificuldades e emprestou de um outro amigo, a quem deu sómente a sua palavra. Ambos os credores souberam quando o cavalheiro conseguiu dinheiro e ambos solicitaram que seu crédito fosse pago. O primeiro, que tinha em sua mão o recibo do cavalheiro, surpreendeu-se ao ouvi-lo dizer:

— Pagarei antes o segundo credor.

O primeiro protestou, dizendo:

— Mas eu lhe emprestei o dinheiro há mais tempo.

— Sim, é verdade, respondeu o cavalheiro inglês, mas você tem o meu recibo. Êste só tem a minha palavra de honra. Resgatarei antes a minha promessa.

O primeiro credor, tomando a nota, rasgou-a em pedaços, atirou-a no cesto de papel, e disse:

— Agora eu só tenho a sua promessa.

— Sendo assim, o senhor receberá primeiro.

Êste pequeno relato ilustra a importancia que um verdadeiro homem dá à sua palavra de honra.

PRES. DAVID O. MCKAY

SERÕES DOMINGUEIROS

O propósito de nossos serões domingueiros, conhecidos nos Estados Unidos como "fire-side chats", é o de atrair os jovens a um dos lares dos membros, na noite de Domingo, após a reunião sacramental. Ali êles poderão aumentar sua amizade, divertirem-se mantendo a santidade do dia de domingo, desenvolver seus talentos e aumentar seus testemunhos sôbre o evangelho.

O Presidente da Associação de Melhoramentos Mútuos deve designar um comitê de três pessoas, um presidente e dois conselheiros, para se encarregarem do serão domingueiro. Êstes comitês devem vigorar por três ou quatro meses, após os quais devem dar a outros a oportunidade.

É preciso que se tenha em mente que os programas devem sempre estar de conformidade com os padrões de conduta para o dia do Senhor. O orador, se houver, e o programa, devem ser aprovados pela presidência da A.M.M. e pela presidência do ramo. É necessária esta precaução para evitar a seleção desavisada de oradores e de assuntos que provoquem críticas contra nossa organização.

O programa deverá ser o mais sem formalidades possível e deve-se evitar longas palestras ou sermões. Um serão domingueiro não deve ser apenas uma outra reunião, mas sim uma oportunidade para os jovens participarem de atividades culturais que aumentem sua capacidade de apreciar as boas coisas da vida.

Um outro propósito dos serões domingueiros, é o de aumentar o número de participantes da reunião sacramental. Saindo da Igreja o grupo poderá se dirigir para a casa de um dos membros onde a atmosfera seja amiga e agradável. As orações e os hinos ajudam a criar uma atmosfera amigável e espiritual. Se forem servidos refrescos, devem ser simples e a despesa coberta por todo o grupo.

A frequência dos serões domingueiros deve ser decidida pelo grupo. Recomenda-se que sejam realizados duas vezes por mês, e por ocasião das conferências de distrito.

"Cuidado com os rápidos"

Vem-me à mente uma história que era apresentada em nossos antigos livros de leitura. Talvez muitos se lembrem dela. O escritor apresenta algumas pessoas navegando rio abaixo em direção às Cataratas do Niagara, e um homem à margem que grita:

— Cuidado com os rápidos, estão um pouco mais abaixo.

Mas os jovens do barco continuaram a rir e a cantar. Algum tempo depois o homem gritou novamente:

— Cuidado com os rápidos, estão pertos de vocês.

E os jovens ainda não deram atenção ao homem até que finalmente compreenderam que se encontravam entre os rápidos e apesar de terem lançado mão de todos os recursos não conseguiram fazer com que o barco voltasse correnteza acima e, gritando e praguejando, tombaram.

É uma cena muito sugestiva. A lição me causou profunda impressão naquele tempo, mas hoje me parece incompleta. É muito fácil permanecer nas margens e gritar: "Cuidado, há perigo adiante". Mas é bem diferente remar para a corrente e, se possível, entrar no barco com os jovens e pela companhia e persuasão e pela fôrça legítima quando necessário, afastar o barco dos rápidos.

Muitos de nós somos como o que permaneceu na praia e gritou "Cuidado". Participemos da vida dos jovens, toquemos em sua personalidade com a nossa personalidade e façamos com que sintam que há algo de real nesta religião; que é a maior coisa que há na vida, que nada poderá fazer com que vivam como a verdadeira vida religiosa.

PRES. DAVID O. MCKAY

O MUNDO ESPIRITUAL

O que é um Espírito? — Devemos admitir a princípio que muito pouco sabemos a respeito dos seres espirituais. O que sabemos nos veio através de revelações e das deduções tiradas de verdades.

Houve uma criação espiritual de coisas vivas para habitarem esta terra antes que seus corpos físicos fossem criados. É isto o que Gênesis, cap. 2:4,5, nos indica. O relato encontrado na Pérola de Grande Valor, nos dá provas mais certas de que a primeira criação foi sòmente espiritual:

> "E agora, eis que te digo que estas são as gerações do céu e da terra, quando elas foram criadas, no dia em que Eu, o Senhor Deus, fiz o céu e a terra. E tôda planta do campo antes de estar na terra, e tôda erva do campo antes de seu crescimento; porque, Eu, o Senhor Deus, criei, espìritualmente, tôdas as coisas de que falei, antes que elas fossem naturais sôbre a face da terra. E Eu, o Senhor Deus, havia criado todos os filhos dos homens; e não havia homem para lavrar a terra, porque Eu os havia criado no céu; e ainda não havia carne sôbre a terra, nem na água, nem no ar." (Moisés 3:4,5).

O Espírito é Inteligência Organizada — Antes que os seres humanos fossem organizados em espíritos, eram inteligências. Assim como os corpos foram criados para o espírito habitar, os corpos espirituais foram criados para conter inteligências.

O Espírito é uma Forma de Matéria — Conhecemos a matéria em muitas formas. É provável que algumas formas de matéria nos forneçam estímulo para qualquer dos sentidos físicos. Joseph Smith disse: "não existe matéria imaterial. Todo espírito é matéria, sendo porém mais fina e pura, sòmente podendo ser discernida por olhos mais puros".

Quem Habita o Reino Espiritual? — Aparentemente, duas espécies de espíritos habitam êste reino: aqueles que ainda não passaram pela mortalidade e os que já a experimentaram. O último grupo vive num lugar chamado paraíso. Lembremo-nos da promessa de Cristo a um dos malfeitores com que foi crucificado: "... Hoje estarás comigo no paraíso" (Lucas 23:43).

E os Céus? — Lemos em Doutrinas e Convênios:

> Nos céus existem duas espécies de seres, a saber: Anjos, que são pessoas ressuscitadas, tendo corpos de carne e osso. Segundo, os espíritos de homens justos aperfeiçoados, os quais não são ressuscitados, mas que herdam a mesma glória." (D.C. 129:1-3).

JÓIAS DO LIVRO DE MORMON

Por LEONE S. JACOBS

"Mas, se cultivardes a palavra, sim, tratando da árvore à medida que começa a crescer, pela vossa fé, grande esfôrço e vossa paciência, esperando pelo fruto, ela criará raiz; eis que será uma árvore que brotará para a vida eterna". (Alma 32:41).

Que bela parábola êste versículo nos apresenta — bela em linguagem, gloriosa no contexto! Na verdade, não há mensagem mais importante para ser apresentada à humanidade. Alma descreve o que é necessário para que a semente cresça para se tornar uma árvore e mostra como a "palavra" também precisa ser alimentada para que a rica colheita seja feita e aproveitada. É uma comparação própria, pois em todos os pontos corresponde ao processo de crescimento da "palavra de Deus" na vida de uma pessoa.

Alma nos exorta a experimentar plantando a semente em nossos corações, para vermos se ela crescerá e brilhará dentro de nós. Se não começar a brotar, ou, em outras palavras, se começar a aumentar a alma e iluminar a compreensão, podemos ter certeza de que a semente é boa, pois são êstes os sinais. Quando ficar comprovado que a semente é boa, ao crescer para se tornar uma árvore deve ser alimentada com grande cuidado, para que possa firmar a raiz e se tornar suficientemente forte para dar ramos e produzir frutos. Firmar as raizes é muito necessário, pois a menos que uma árvore se encontre firmemente ancorada, os ventos e as tempestades poderão arrancá-la.

Quando o fruto tiver finalmente amadurecido, será o que mais se pode desejar. Alma promete que o fruto é preciosíssimo e mais dôce do que qualquer outra doçura e se pode comê-lo até fartar e então jamais se sentirá fome e nem sêde.

Da mesma forma, a menos que a palavra de Deus esteja firmemente ancorada na vida de uma pessoa, as adversidades que perseguem a humanidade e as investidas de Satan poderão afrouxá-la de seu solo. A árvore, e da mesma forma a "palavra" não deve ser negligenciada nem por um minuto, pois não importa o quão prometedor seja o princípio, deve ser alimentada continuamente pois caso contrário murchará e morrerá. Deve ser alimentada com "vossa fé, grande esfôrço e vossa paciência".

Algumas pessoas recebem a palavra de Deus, mas não continuam a cuidar dela e alimentá-la até alcançar a maturidade. Desistem atemorizados pela crítica e pelo preconceito ou por coisas mundanas, até que o seu interesse desaparece. Há os que mostram interesse inicial pela "palavra" e então, com o passar do tempo, não se esforçam para estudar e pratica-la, dando-lhe uma boa oportunidade. Dizem, finalmente, "Não nos impressiona. Não estamos mais interessados".

As melhores coisas não poderão ser desfrutadas sem esforço e cuidado. Devemos alimentar a palavra de Deus continuamente, com caridade, fé, estudo, oração e com boas obras, enquanto vivermos.

OUTUBRO NA ESCÓCIA

Desta vez estamos na "Boa Escócia" onde todos os bons rapazes e moças dansam ao alegre som do famoso instrumento musical da Escócia, a gaita de foles.

Sempre que há festas, o que acontece frequentemente, todos os meninos e meninas podem pular, saltitar e dançar, divertindo-se bastante. E todos êles se vestem com roupagens coloridas, com os diferentes xadrezes das muitas famosas clãs escossezas. A palavra clã significa família.

Lá estão os Camerons de Lochiel, com seus brilhantes vermelhos atravessados de azuis, verdes e roxos; e a Clã Douglas não fica atraz com suas queridas cores verde e azul escossez. Os Grants e os McIntoshes deixam esvoaçar as suas roupagens de cores brilhantes, enquanto ao seu lado observam outro modêlo de pálidos verdes e azuis de clã McKay.

Há inúmeros seguidores das clâs Mac disto e Mac daquilo, apresentando a mais variada combinação de cores que se pode imaginar.

As cores são alegres, a música é alegre e todos são alegres e felizes quando chega o dia de festa, na Boa Escócia.

Vamos no clichê, de pé, da esquerda para a direita, os elderes: Bernell C. Ostler, Gary W. Hall, Gene M. Richards, Dale White, Joseph Barber, Sherman H. Hibbert, John D. Peterson, Herman E. Funk e James R. Palmer. Infelizmente não dispomos dos nomes dos jogadores jauenses que são vistos em primeiro plano.

BRILHOU NOVAMENTE O NOSSO CONJUNTO EM JAÚ

Em agôsto último, os nossos Elderes que se achavam trabalhando em Jaú, Rio Claro e Bauru, reuniram-se formando um conjunto para jogar contra um grupo de cestobolistas de Jaú, tendo vencido por pequena margem. Convidados para uma revanche, jogaram novamente no dia 28 de agôsto, tendo confirmando sua vitória anterior, vencendo o clube local pela contagem de 35 a 19.

Foi um jogo interessante, notando-se a boa forma de ambas as equipes. Os bons esportistas jauenses, souberam perder com galhardia e demonstrando a sua fibra e técnica. A assistência inteiramente constituida de jauenses, portou-se de maneira admirável, apoiando os nossos jogadores quando julgavam que o árbitro deixava de notar uma falta qualquer a nosso favor. Mais uma vez o povo da velha Jaú teve a oportunidade de manifestar sua proverbial hospitalidade.

A Missão Brasileira tem progredido numa linha quasi vertical e nota-se em todos os ramos uma atmosfera de maior entusiasmo, maior fé e melhores obras. O Senhor nos tem abençoado com vários novos irmãos que unem seus esforços aos dos santos, para o progresso do Reino de Deus sôbre a terra.

Também no campo missionário a obra tem progredido. Recentemente foram abertos os ramos de Piracicaba, Jaú, Araraquara e, no mês de Setembro, o de Campo Grande, Estado de Mato Grosso. Para lá partiram no dia 18 os elderes: Merril F. Frost, Douglas G. Johnson, John D. Peterson, Gene M. Richards, Joseph Barber e H. Ross Hammond. Coube a êste grupo de excelentes missionários, humildes, sinceros e dedicados, o privilégio de serem os pioneiros da obra de disseminação da palavra de Deus entre os nossos irmãos matogrossenses. Que o Senhor os acompanhe e inspire, é a humilde oração de todos os irmãos da Igreja.

Como parte do extenso programa de orientação e coordenação do trabalho missionário em nosso querido torrão, que vem sendo desenvolvido pelo esforçado Presidente Sorensen, realizou-se no dia 18 de agôsto último, na séde da missão, uma conferência que reuniu todos os Presidentes de Distrito, para discutirem os problemas inherentes ao seu trabalho. Vemos no clichê que ilustra esta página um flagrante tomado num dos intervalos da conferência.

Vemos à esquerda, o Presidente da Missão, Asael T. Sorensen, e os Presidentes de Distrito, Delworth K. Young, Lawrence J. Darton, Gordon B. Taylor e Merril F. Frost.

No dia 31 de Agôsto último a nossa Irmã Sibila Hack celebrou o seu aniversário e a família Sorensen e os missionários que na ocasião se encontravam em São Paulo reuniram-se para festejar a grata efeméride. A Irmã Sibila acha-se acamada na casa da missão desde fins de Abril último, quando sofreu um acidente ao atravessar uma das movimentadas ruas de São Paulo, quando foi atingida por um carro em excesso de velocidade. Em consequência ela teve uma fratura exposta no tornozelo. Felizmente, a Irmã Sibila acha-se em vésperas de retirar definitivamente o gesso de sua perna e de voltar à atividade. Acima, um flagrante da festinha em que vemos a Irmã Sibila no canto à direita, em primeiro plano.

Tendo completado sua missão, o nosso caro irmão Leoses de Paula bateu asas e foi para os Estados Unidos para trabalhar e estudar. Durante sua missão o Irmão de Paula soube granjear um vasto número de amigos, por sua personalidade comunicativa e amiga. Êle é um dos membros da simpática família de Paula membros fiéis e dedicados do Ramo de Curitiba. Sua irmã, Lia de Paula, também serviu como missionária, tendo sido desobrigada no princípio dêste ano. Vemos no clichê, o Elder de Paula quando recebia das mãos do Presidente Urbans W. Haws, 1.° Conselheiro da Missão, o seu certificado de desobrigação. Ao caro irmão de Paula, que deixou muitas saudades, os votos de felicidades de "A LIAHONA".

ADEUS NEYDE!

Uma das figuras constantes e amigas que os membros do Ramo de São Paulo aprenderam a amar e sempre considerar como uma verdadeira irmã, acha-se Neyde Marques de Azevedo que em fins de Agôsto último nos deixou para ir estudar nos Estados Unidos, aproveitando uma bolsa de estudos que lhe foi concedida pelo Ricks College, em Rexburg, Idaho, uma das instituições educacionais mantidas pela Igreja. Além de ser uma criatura meiga, agradável e verdadeira amiga, a Irmã Neyde é uma pianista e compositora de grande talento. Muitas vezes tivemos a oportunidade de ouvi-la executando suas próprias composições em nossas reuniões sacramentais e na Mútuo. Temos a certeza de que a Irmã Neyde elevará bem alto em terras estrangeiras o nome e a qualidade da música nacional, de que ela é tão digna representante. As nossas orações pelo seu sucesso e felicidade, estão com você, cara Irmã.

★

SOCIAIS

No dia 16 de Setembro de 1954, no templo de Salt Lake City, casou-se o Elder Verl Larsen, ex-conselheiro da Presidência da Missão Brasileira, com a srta. Irene Soderquist. Ao novo casal, "A LIAHONA", em nome de todos os membros da Igreja no Brasil, que tiveram a oportunidade de conviver com o Elder Larsen e que aprenderam a amá-lo como verdadeiro irmão, apresenta os mais sinceros votos de muitas felicidades e espera que o Senhor o abênçoe sempre em sua vida.

Recebemos também e agradecemos o convite para o casamento do Elder James R. Soderberg que no dia 2 de Setembro último se casou com a srta. Gloria Neeley no Templo de Salt Lake City. Ao estimado Elder Soderberg e à sua espôsa, apresentamos os nossos mais sinceros votos de grande ventura em sua nova vida.

As bemaventuranças

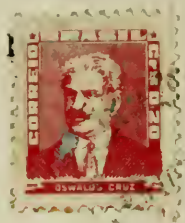
E, Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos:

E abrindo a sua boca, os ensinava, dizendo:

Bemaventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus; bemaventurados os que choram, porque êles serão consolados; bemaventurados os mansos, porque eles herdarão a terra; bemaventurados os que têm fome e sêde de justiça, porque êles serão fartos; bemaventurados os misericordiosos, porque êles alcançarão misericórdia; bemaventurados os limpos de coração, porque êles verão a Deus; bemaventurados os pacificadores, porque êles serão chamados filhos de Deus; bemaventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus; bemaventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e mentindo disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.

EXPEDIDO PELO EDITOR
«A LIAHONA»
Não sendo reclamado dentro de 30 dias,
roga-se devolver à
CAIXA POSTAL, 862
SÃO PAULO — BRASIL

TAXA



Church Historian
47 E. So. Temple St.
Salt Lake City, Utah.
EE. UU.

Gráfica Irmãos Canton Ltda. - Ribeiro de Lima, 332 - Fone 34-2342